

## **Análise dos trabalhos publicados nos livros do “Simpósio Sul-Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia” que versam sobre TIC e ensino de filosofia**

Simone Becher Araújo Moraes<sup>20</sup>

Elisete Medianeira Tomazetti<sup>21</sup>

### **Resumo**

Neste texto, apresentaremos o resultado da análise dos artigos produzidos por professores/pesquisadores da área de filosofia e ensino de filosofia de algumas universidades brasileiras que tematizaram as questões das TIC no ensino dessa disciplina. Esses artigos, publicados como capítulos de livros, foram apresentados no *Simpósio Sul- Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia*, organizado pelo Fórum Sul de Cursos de Filosofia da região sul do Brasil, que se realizou entre os anos de 2001 a 2010. A partir da análise dos artigos, percebemos a importância do ensino de filosofia na escola básica, e o movimento que potencializou o retorno da disciplina com sentido e qualidade. Pretendemos mostrar aqui os diferentes e pertinentes discursos e reflexões sobre a questão das TIC e a aula de filosofia, temática tão urgente nos dias atuais.

*Palavras-chave:* ensino de filosofia, tecnologias, Simpósio Sul-Brasileiro.

### **Analysis of the papers published in the books from the “Philosophy Teaching Southern Brazilian Symposium” about philosophy teaching with ICT**

### **Abstract**

In this paper, we present the results of analysis of the articles produced by teachers / researchers in the field of philosophy and teaching of philosophy in some Brazilian universities who discussed issues about ICT in teaching this discipline. These articles, published as book chapters, were presented at the South Brazilian Symposium about Teaching Philosophy, organized by the South Course of Philosophy in southern Brazil, which took place between the years 2001-2010 Forum. From the analysis of the articles, we realize the importance of philosophy teaching in the elementary school, and the movement which promoted the return of the discipline with meaning and quality. We intend to show here the different and relevant speeches and reflections on the issue of ICT and the philosophy class, so urgent issue nowadays.

*Key words:* teaching philosophy, technologies, South Brazilian Symposium.

<sup>20</sup>Estudante de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E mail: simonebechermor@gmail.com

<sup>21</sup>Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E mail: elisetem2@gmail.com

## Introdução

Neste trabalho, apresentamos o resultado da análise dos artigos produzidos por professores/pesquisadores da área de filosofia e ensino de filosofia de algumas universidades brasileiras que tematizaram as questões das TIC no ensino da filosofia em textos publicados como capítulos de livros e que foram apresentados no *Simpósio Sul- Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia* entre os anos de 2001 a 2010, organizado pelo Fórum Sul de Cursos de Filosofia da região Sul do Brasil. De acordo com Ribas *et. al* (2005), tal Fórum foi caracterizado como uma organização informal que possibilitou aos coordenadores dos cursos de licenciatura em filosofia e de toda a comunidade implicada com a temática, com a realização do simpósio, a troca de experiências e a definição de posicionamentos que fortalecessem a luta pela obrigatoriedade da filosofia como disciplina no currículo do Ensino Médio e problematizassem de seus objetivos, metodologias, entre outras questões.

De 2001 a 2010, em edições anuais, os eventos foram realizados em diversas Instituições de Ensino Superior (IES) da Região Sul do Brasil, de maneira a promover o encontro de professores e estudantes de filosofia, fossem esses da graduação, da pós-graduação ou atuantes na escola básica, cujo principal interesse deveria ser as questões sobre o ensino de filosofia na Escola Básica, bem como a formação dos professores de filosofia.

Logo nas primeiras edições, o *Simpósio Sul- Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia*, ao reunir diversos professores, acadêmicos e pesquisadores oriundos das mais variadas regiões do país, tornou-se um dos mais reconhecidos eventos da área do ensino de filosofia, principalmente por se tratar de um evento que colocava em pauta o ensino de filosofia no Brasil, seu retorno ao currículo e a formação inicial dos futuros professores oferecida pelas universidades. Logo, este Simpósio, ao fomentar o debate sobre tais questões fortaleceu o movimento de retorno da mesma para a educação básica no ano de 2006 (MAAMARI *et.al*, 2006).

Os artigos produzidos nestes dez anos de evento têm servido como uma rica fonte de reflexão e estudo para os alunos e professores dos cursos de filosofia de todo Brasil. No presente trabalho, que faz parte de nossa dissertação de mestrado, cujo objetivo é investigar a questão das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) como um problema filosófico e que afeta ou pode afetar a relação de ensino e de aprendizagem da filosofia no Ensino Médio. Procuramos analisar, nos artigos publicados nos livros do evento, essa questão.

Num primeiro momento, fazemos um breve panorama sobre a questão das TIC na escola de educação básica, discorrendo sobre quais os possíveis reflexos da introdução das mesmas no ensino e na aprendizagem de filosofia no Ensino Médio com jovens imersos na cultura da *internet*. Num segundo momento, procuramos apresentar os enunciados que aparecem a partir da leitura dos referidos capítulos presentes nos livros publicados a partir do *Simpósio Sul- Brasileiro de Ensino de Filosofia*. Considerando já de antemão que a presença

de tal temática nos livros é um dos indícios que sinaliza a importância, urgência e relevância do tema desde a última década, procuramos, portanto, após a leitura e análise de todos os textos, identificar o enunciado que move o texto de cada autor, quais os pontos em que eles convergem entre si e quais os pontos em que eles divergem, levando em conta os principais conceitos utilizados e as principais características que são levadas apresentadas por esses pesquisadores, bem como os referenciais teórico-metodológicos que os apoiaram.

Num último momento, direcionamos as conclusões e apontamos possíveis encaminhamentos para trabalhos futuros.

## 1 As tecnologias da informação e da comunicação e a escola

Desde meados do século XX, é notória a presença crescente das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) em todos os setores da nossa sociedade, seja na produção primária ou de bens de consumo, seja na prestação de serviços ou nos relacionamentos interpessoais. Juntamente com as TIC, vieram inúmeras facilidades, comodidades e avanços em termos de comunicabilidade, produção e difusão de conhecimento, intercâmbio cultural, entre outras tantas, sem as quais as pessoas em geral já não podem mais viver sem. A informação, por sua vez, através delas ganha uma dimensão global e instantânea, sendo por vezes construída e disseminada por milhares de internautas conectados no *World Wide Web*. Ao escrever sobre as mudanças contemporâneas, Lévy (2000) reflete sobre a questão da velocidade com que as informações surgem e são renovadas nas redes que se criam e que se interconectam, fazendo com que as pessoas se comuniquem de forma anárquica e produzam uma verdadeira guerra de saberes, imagens, conceitos, propagandas, etc.

No campo educacional, essas mudanças vêm impondo a necessidade de várias adaptações, atualizações e revisões nas práticas pedagógicas. Estas questões são, na maioria das vezes, bastante desafiadoras para o professor que está em sala de aula, bem como para o professor formador de professores, pois, diferentemente de outros setores da sociedade, a questão das TIC na educação brasileira ainda é considerada como uma novidade recente e está sendo, de forma bastante lenta, introduzida, tanto materialmente quanto conceitualmente, nas práticas escolares e nas reflexões sobre estas práticas.

O paradigma educacional emergente requer a inserção de novas práticas curriculares e metodologias inovadoras, para fazer frente às necessidades de uma sociedade globalizada, que altera padrões de vida das pessoas, seja na maneira de se comunicar, nas habilidades profissionais de atuação ou na forma de aquisição do conhecimento e do pensar. (GREGIO, 2004, p.2).

Para Lévy (2000), as tecnologias não podem ser taxadas como boas, como más ou

como neutras, segundo ele, tudo irá depender do uso que fazemos delas e do ponto de vista de quem a utiliza, das situações diversas em que elas aparecem, condicionam ou restringem. Para ele, a questão não é avaliar os impactos da tecnologia, mas de pensar sobre as possibilidades de sua utilização em nossas vidas, em constante velocidade de renovação.

Vivemos hoje na era do desenvolvimento humano marcado pelo que Castells (1999) chama de informacionalismo, que é baseado nas tecnologias da informação, ou seja, vive-se na urgente busca de conhecimento, seja para satisfazer nossas necessidades primárias, seja para dar sentido à nossa existência. Nessa busca hoje, por meio da internet, somos capazes de desenvolver e criar novos saberes a partir do que já possuímos e isso, através da interação que altera significativamente o cotidiano social, cultural, o mundo do trabalho, as formas de representar, organizar e adquirir o conhecimento. Tais condições acabam por alterar as relações de ensino e aprendizagem na escola. Fora da sala de aula convencional, a linguagem digital ou audiovisual, desempenha já há algum tempo, o papel de uma nova forma de representar o conhecimento e passa a conviver com as mais tradicionais formas de linguagem, ou seja, forma oral e escrita. São os mais jovens os usuários mais assíduos dessas novas linguagens, pois eles aprendem e criam saberes a partir e com essas novas ferramentas e formas de significação do mundo e do conhecimento:

Estamos diante de uma geração que aprendeu a falar inglês diante da imagem de televisão captada por uma antena parabólica, e não na escola, que tem forte simpatia pela linguagem das novas tecnologias e que se sente mais à vontade escrevendo no computador do que numa folha de papel. Tal simpatia se apoia numa plasticidade neuronal que dota os adolescentes de uma enorme capacidade de absorção de informação, seja ela via televisão ou vídeo games, e de uma facilidade quase natural para entrar na complexidade das redes informáticas e manejá-la. (...) Os jovens respondem com uma aproximação composta não apenas por uma facilidade em se relacionar com as tecnologias audiovisuais e informática, mas também por uma cumplicidade cognitiva e expressiva: encontram seu ritmo e seu idioma nos relatos e imagens dessas tecnologias, em sua sonoridade, fragmentação e velocidade (BARBERO, 1999, p. 19-20).

Os últimos anos são marcados por inúmeras reformas educacionais que propõem uma perspectiva educacional que seja mais condizente com a nossa sociedade em constante transformação e que hoje é denominada por muitos de “sociedade tecnológica”. Não obstante, sob a perspectiva do mero discurso contido nos decretos e projetos das reformas educacionais, não é possível que se tenha uma transformação imediata para sua utilização na escola. Por ora, não se faz nem possível falar de um discurso que disputa o poder para nomear uma nova realidade emergente de acordo com as ideias foucaultianas sobre as

“epistemologias sociais”<sup>22</sup> que estão na constante disputa pelo poder de definir as novas realidades em emergência. Esta discussão está para além dos campos acadêmicos, pois é política, ou seja, estas questões são abordadas nas dinâmicas sociais do poder.

Visto que o discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 2004, p.10).

Entretanto, este discurso que diz respeito à urgente “tecnologização” das nossas escolas, aos poucos constrói a legitimação das ações governamentais sobre a educação. Sabemos, portanto, que a efetiva implantação das TIC na educação, não significa somente a instalação dos suportes técnicos e físicos, mas que ela carrega consigo as epistemologias sociais que irão bater de frente com as diferentes realidades das escolas espalhadas pelo Brasil. Por isso, é necessário o estudo, a reflexão e o debate sobre os pressupostos pedagógicos, políticos, filosóficos e tecnológicos que hoje movem esses discursos e das políticas educacionais, para que possamos ter uma compreensão mais ampla sobre as implicações das TIC nas relações de ensino e de aprendizagem e até que ponto elas estão sendo implementadas com sucesso no sentido de uma construção de saberes efetiva e não apenas no nível da instrumentalidade.

É nesse sentido que os trabalhos que versam de alguma maneira sobre as novas TIC publicados nos livros resultantes do *Simpósio Sul- Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia* contribuem para este debate. No item que segue, tratamos mais especificamente sobre o conteúdo dessas produções, seus fundamentos e contribuições para a o Ensino de Filosofia, que, embora tenha como tradição a questão da leitura e escrita filosófica de maneira mais tradicional, aos poucos, abre espaço para o debate sobre quais seriam as possibilidades de se ensinar e aprender a filosofar com e por meio das TIC.

## 2 A análise dos trabalhos

Dos nove livros resultantes dos dez anos de *Simpósio Sul- Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia*, em apenas um deles, a saber, no livro do primeiro ano (2001), não foi publicado nenhum artigo que relacionasse o ensino de filosofia com a questão das tecnologias.

Para melhor analisar esses trabalhos, procuramos organizá-los em dois grupos temáticos gerais: o grupo dos trabalhos que versam sobre relatos de experiência e o grupo dos trabalhos que versam sobre *linguagem e comunicação filosófica*. Tais grupos se orientam

<sup>22</sup>São as categorias que usamos para definir e dividir o mundo social em sistemas que nos permite ou impedem de pensar e ver as coisas (FOUCAULT, 2004).

segundo alguns pontos em comum e privilegiamos a busca das semelhanças entre os tipos de abordagens que cada autor faz da temática, bem como entre os referenciais teóricos que os norteiam. Portanto, os agrupamos para uma análise mais minuciosa.

## 2.1 Os relatos de experiência

Dentre os demais oito artigos das publicações, entre os anos de 2003 a 2010, todos, de alguma forma, versam sobre a questão das novas tecnologias e o ensino de filosofia; de modo mais direto no que se referem às possibilidades das TIC na prática pedagógica/filosófica e na promoção do diálogo filosófico por meio das diversas ferramentas tecnológicas. Em especial, três desses trabalhos, dizem respeito a descrições e reflexões sobre experiências vivenciadas por alunos e professores que tiveram como objetivo a inclusão de algum tipo de tecnologia da informática/digital/virtual nas aulas de filosofia: o primeiro deles, de Müller & Eiterer (2003), diz respeito ao uso de um *website* para a formação continuada dos os professores da escola básica, com base no diálogo entre escola e Universidade. O segundo trabalho, cuja autoria é de Ibertis *et. al* (2006), relata sobre uso da *internet* com alunos da graduação em filosofia. O terceiro trabalho desta série de relatos de experiências foi produzido por Novaes & Garin (2008), e relata sobre a possibilidade do ensino de filosofia na modalidade à distância (EaD), oferecido por uma universidade, com estudantes de diferentes cursos de graduação. Abaixo, analisaremos brevemente cada um dos três artigos que se enquadram na modalidade *relatos de experiências*.

O primeiro trabalho, de autoria de Müller & Eiterer (2003), cujo título é: “*Filosofia na Escola online: uma proposta para a formação continuada e permanente dos professores de filosofia*”, trata da implementação de uma proposta de formação continuada e canal de comunicação via internet entre os professores de filosofia da escola de ensino básico e a Universidade Estadual de Londrina (UEL) por meio de um *website*. Destaca o objetivo de “facilitar a troca de informações e experiências sobre a prática cotidiana da sala de aula (...) Um espaço para a pesquisa, o debate e o intercâmbio com outras ações e experiências em filosofia”. De acordo com Müller & Eiterer (2003, p. 275):

Além de dominar com clareza e segurança os principais problemas filosóficos abordados ao longo da história da filosofia e de ter trânsito pelos textos clássicos, o docente deveria ser capaz de articulá-los com as questões que emergem do contexto do mundo vivenciado pelos educandos e pelo universo da cultura.

De acordo com as autoras, o prazo inicial de realização do projeto era de dois anos, entretanto, ele acabou por ser renovado por mais um ano e com possibilidades de tornar-se efetivo, tamanho o sucesso do empreendimento. Esta experiência, no entanto, não diz respeito

à um tipo de receita infalível e que pode ser aplicado em qualquer situação, mas sim, se configura em uma das muitas possibilidades de se criar um canal de parcerias necessárias para que se tenha um maior sucesso na prática do ensino de filosofia na escola pública, lançando mão das ferramentas tecnológicas que estão mais acessíveis.

Com relação aos referenciais teóricos utilizados pelas autoras do trabalho descrito acima, sublinhamos que elas não se utilizaram de nenhuma referência acerca das TIC ou da informática propriamente dita, valeram-se apenas de pensadores sobre o ensino de filosofia, bem como de documentos legais que normatizam o ensino da disciplina no país.

O segundo artigo deste grupo, que nos traz outro relato de experiência de autoria de Ibertis *et. al* (2006) possui o seguinte título: *Filosofia online: notas sobre o uso da internet do ensino de graduação*. O trabalho teve como objetivo a execução de um projeto sobre a exploração das possibilidades da internet para a filosofia na graduação por meio de um fórum de discussão via *internet*, sob orientação dos professores em conjunto com as diversas disciplinas de filosofia.

Para os alunos de graduação que fizeram parte desta experiência, a participação em um debate on-line, onde eles deveriam defender uma posição, configurou-se em um desafio, pois o confronto de ideias exigia dos acadêmicos, réplicas e um esforço de reflexão e compreensão das ideias dos envolvidos no debate. São ressaltadas, algumas dificuldades encontradas pelos alunos em avançar nas discussões e encontrar sozinhos caminhos para resolver os problemas filosóficos, bem como certa timidez em função da exposição pessoal e limitação linguística para expressão das reflexões:

Como foi dito, o fórum on-line pode ter, um papel heurístico de ideias e exercitar o tipo de argumentação que exige captação – através do contexto, da abertura e da atenção comunicativas – do ponto de vista alheio que não se apresenta na sua total explicitação. Pela outra, pode cumprir a função de mediar entre o discurso escrito e o falado, pois a internet insere-se entre eles ao compartilhar aspectos de uma modalidade e da outra em uma experiência de construção coletiva do conhecimento. É, justamente, nesse entrecruzamento de atitudes e competências cognitivas que nos parece residir o caráter dialógico da tarefa filosófica e nele vemos a serventia da internet como recurso no seu processo de ensino-aprendizagem. (IBERTIS *et al*. 2006, p. 325).

Ao final do artigo, os autores salientam que por se tratar de uma proposta inicial e com falta da sistematização necessária, não foi possível tornar esta atividade um recurso tão eficiente na aprendizagem do bem argumentar, embora seja uma das possibilidades de utilização da ferramenta para esse exercício, uma vez que o caráter dialógico parece ser um dos pontos fortes deste tipo de uso.

Ainda dentro da categoria relatos de experiência, Novaes & Garin (2008) em seu texto

“*Ensaio sobre filosofia e novas tecnologias da educação: Desafios, Aporias e Possibilidades*”, trazem algumas considerações sobre a experiência de ensino de filosofia na modalidade EaD, junto aos cursos de graduação do Centro Universitário IPA, onde utilizaram como meio de interação a *internet*. Neste texto, além de discorrerem acerca da legislação que regulamenta o Ensino à distância no Brasil, os autores relatam uma espécie de incredulidade das pessoas diante da máquina, o que representa, num primeiro momento, um grande desafio para o ensino de filosofia na modalidade EaD, que muitas vezes é concebida como uma segunda categoria de ensino. Isso, porque existe uma crença muito difundida de que é possível filosofar somente com outras pessoas, ou seja, na presença física do docente que estará dando o amparo e “corrigindo” os equívocos: “O filosofar, não necessita obrigatoriamente de uma outra pessoa para acontecer. É possível filosofar, e assim deve ser, diante de cada situação que se coloca diante de si” (NOVAES & GARIN 2008, p. 372).

Segundo o texto, na EaD o aluno é, de certa forma, muito mais sujeito do seu próprio aprendizado, pois ele precisa disciplinar sua agenda de compromissos, realizar atividades ora *síncronas*, ora *assíncronas*, encontrar alternativas e construir questionamentos por ele mesmo e de forma interativa, construir o conhecimento de forma cooperativa: “(...) Conhecimento é relação, na medida em que o sujeito e objeto se instituem como processos combinados de cooperação” (NOVAES & GARIN, 2008, p. 379).

Os três textos acima destacados, sinalizam que existem inúmeros tipos de ações que visam utilizar as TIC no âmbito do ensino de filosofia sendo desenvolvidas. Sejam estas ações voltadas para a formação continuada de professores, para a manutenção de um vínculo entre Universidade e escola, ou para a realização de atividades que tensionam o desenvolvimento de certas habilidades e competências nos alunos. Parece-nos que os pesquisadores da área do ensino de filosofia já perceberam que nos dias atuais se torna difícil pensar sobre as questões da prática filosófica descartando as tecnologias que nos rodeiam e sem, de alguma forma, lançar mão das TIC ou refletir sobre as suas potencialidades.

## 2.2 Linguagem e comunicação filosófica

Cinco dos nove artigos publicados nos livros do *Simpósio Sul- Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia* versam sobre as questões relativas à linguagem escrita, linguagem audiovisual e linguagem hipertextual, que atravessam os diferentes discursos filosóficos presentes nas publicações.

O primeiro texto, cujo título é “*Os Desafios educacionais da cultura Audiovisual: considerações sobre o ensino de Filosofia*” (2004), cuja autoria é do professor do CEFET/PR Edson Jacinski. Traz algumas reflexões sobre a emergência da cultura audiovisual que nos leva a pensar sobre a intersubjetividade humana e sobre o conhecimento. A cultura audiovisual acaba por gerar um impacto significativo sobre nossa percepção de mundo, nos exigindo uma perspectiva educacional que possibilite a navegação e vivência dentro dela,



de maneira crítica, mesmo com o modelo pedagógico iluminista, ainda muito presente em nosso sistema educacional e que se mostra insuficiente para dar conta da nova ecologia cognitiva emergente.

Um dos questionamentos que fazemos, frente a este contexto, é sobre como o ensino de filosofia pode acontecer no cenário contemporâneo e como fugir desse caráter monológico de emissão-recepção para aderir às dimensões interativa e dialógica que são impulsionadas pelas TIC sem, no entanto, adentrar num possível caos discursivo que é bem propenso a acontecer em meio a este turbilhão de informações ao qual estamos diariamente expostos: “Neste sentido, superar o caos discursivo, textual, audiovisual propiciado pelas novas tecnologias, através do seu enquadramento, seja físico, cognitivo, etc”(JACINSKI, 2004, p.229).

O próximo texto “*A filosofia no Ciberespaço*” (2005), de autoria de Celso Cândido, professor da UNISINOS, traz a ideia de que a subjetividade e a sociabilidade humana são fundamentadas basicamente nos atos linguísticos, e que o ciberespaço hoje é de fundamental importância para “o intercâmbio e a atividade humana planetária” (CÂNDIDO, 2005, p. 216). O ensino de filosofia consiste na prática do diálogo, que tem origem no pensamento livre e autônomo. O diálogo é colaborativo e “Ensinar filosofia é ensinar o diálogo” (CÂNDIDO, 2005, p. 218). De acordo com o texto, o diálogo filosófico desenvolveu-se até os dias de hoje a partir de três técnicas linguísticas: na época mais antiga com a linguagem oral, depois com o surgimento da escrita e, nos dias atuais, com o diálogo hipertextual. E “com a emergência do hipertexto digital, o logos desterritorializa-se da página impressa e dota-se de novos instrumentos vivos e flexíveis; ganha uma nova vida, uma nova dinâmica à velocidade da luz”(Idem, p. 220).

Percebemos com este texto, que o movimento da grande inteligência coletiva previsto por Pierre Levy (1998), nos coloca em uma época em que todos aqueles que desejam engajar-se no diálogo filosófico podem fazê-lo, seja nas academias ou fora delas, pois a internet possibilita o diálogo filosófico para além dos livros e salas de aula presenciais, basta “(...) se apropriarem criativamente da admirável rede do *lógos* dialético hipertextual que unifica a mente humana em sua infinita riqueza e diversidade.” (CÂNDIDO, 2005, p. 225).

O texto de 2006, cujo título é “*Das epístolas aos E-mails: é possível ensinar filosofia a distância?*”, de autoria do professor da UNIJUÍ/ RS, Arnildo Pommer, traz à tona uma visão um pouco mais crítica sobre a introdução da EaD no país. Para o autor:

(...) compreender o ensino a distância é mais do que provar ou não a sua eficiência, é compreender de que maneira a comunicabilidade, a linguagem e o pensamento transmitidos e criados pelo ensino enquanto procedimentos pedagógicos mediados pela tecnologia computacional, podem estar sendo afetados. (POMMER, 2006, p. 300).

O ensino a distância baseia-se, segundo Pommer, basicamente na escrita e, de alguma forma, com a implementação desde a modalidade desse ensino, parece que estamos voltando para o sistema de escrita antigo, a saber, o da escrita das epístolas como as que eram produzidas por Horácio na antiguidade. Um dos problemas que ele aponta com relação à EaD é a questão da adequação da linguagem que até então estava amparada da linguagem oriunda dos textos clássicos e que por meio do ensino presencial era “decodificada” pelos professores. Na EaD, apesar dos aparatos audiovisuais, parece que cada vez mais fica evidente o fim do pensamento de forma oral, comumente utilizado na aula expositiva. Para os alunos de filosofia, o autor sinaliza que esta modalidade exigirá mais empenho na leitura e na escrita, habilidades que cada vez mais se fazem necessárias para um filosofar com mais qualidade, mesmo que isso se desenvolva em uma sala de aula à distância.

O artigo de Márcia Tiburi (2007), professora da FAAP/SP, com seu artigo: “*Filosofia e Mídia*”, reflete sobre o papel e o lugar do filósofo nos dias de hoje, em tempos de midiatização do mundo, hipercomunicação nas relações e exacerbação da comunicação, onde “(...) o que não for comunicado ou comunicável é visto como ameaça ou erro”. (TIBURI, 2007, p. 290). A filosofia, segundo o texto, tem a função de esclarecimento e deve atuar como uma produtora de lucidez, mostrar a necessidade da crítica “(...) não apenas da opinião, mas da ideia de que uma opinião é formada e dos formadores de opinião”. (TIBURI, 2007, p. 292). O filósofo deve participar do mundo da comunicação e dos debates como agente. Para Tiburi (2007), a comunicação não acaba na informação, e mesmo o sentido de informação deve ser questionado, pois da forma como a mídia jornalística e publicitária a tem manipulado, deve-se haver uma preocupação com o tipo de manipulação que os mesmos exercem sobre as massas. Seria papel do filósofo portanto, ponderar “sobre tais questões na tentativa de avançar rumo ao saber quanto à racionalidade e à consciência” (TIBURI, 2007, p.292).

O último artigo a ser analisado é de autoria de Celso Braida (2010), “*Filosofia, ensino e o império do virtual*”, e traz a ideia de que as novas formas de comunicação sugerem a implementação de novas formas de ensino e de aprendizagem. Faz também uma crítica ao modo tradicional do ensino de filosofia, que segundo o autor, é egocêntrica e monofônica e, que de certa forma, hoje está perturbada, assim como a própria “(...) autocompreensão do humano e da sociedade” (BRAIDA, 2010, p. 56). A grande questão seria como ensinar e transmitir a filosofia na era digital da atual sociedade em que vivemos?

Existe hoje, um choque cultural entre as formas tradicionais do ensino de filosofia e as novas formas de interações digitais que pressupõem que todo trabalho é coletivo. “(...) a era digital não rompe com a tradição, mas sim com o tradicional”. (BRAIDA, 2010, p. 61). Para o autor, a EaD e as publicações postadas em ambientes virtuais podem vir a potencializar a tradição filosófica, embora alguns destes procedimentos tradicionais já não façam mais sentido nos dias atuais, pois a digitalização do mundo mudou radicalmente os modos de nos relacionarmos e de construirmos o conhecimento.

## Considerações finais

A partir da leitura e análise dos textos publicados como capítulos de livros organizados pelo Fórum Sul de Cursos de Filosofia da região sul do Brasil, entre os anos de 2001 a 2010, procuramos compreender de que forma a questão das novas tecnologias afetam o fazer docente, seja na Universidade ou na escola básica e quais as reflexões dos professores e pesquisadores sobre a temática. Com base nesses textos, pudemos compreender quais estão sendo as possíveis estratégias e alternativas buscadas pelos professores de filosofia, para que, em meio a essa onda digital e hipertextual, o filosofar persista com qualidade.

**Submetido em abril de 2014.**

**Aprovado para publicação em maio de 2014.**

## REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: **Mediatamente!** Televisão, cultura e educação. Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

BRAIDA, C. R. Filosofia, ensino e o império do virtual. In: **Filosofia e seu ensino: desafios emergentes/** Org. NOVAES & AZEVEDO. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 1999.

CÂNDIDO, Celso. A filosofia no Ciberespaço. In: **Filosofia e ensino: a filosofia na escola**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2005.

CRAIA, Eládio C.P. Gilles Deleuze e a virtualidade: a passagem da história à cartografia no ensino de filosofia. In: **Filosofia e ensino em debate**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2002.

DELEUZE. Gilles, **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: Aula inaugural do Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GREGIO, Bernadete M. A. A informática na educação: As Representações Sociais e o Grande Desafio do Professor Frente ao Novo Paradigma Educacional. In: **Revista Digital da CVA**. Vol. 2. n.6. 2004.

IBERTIS, C.; CENCI, M.; RODRIGUES, R. In: **Filosofia na universidade**/Org. Maamari et all. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

JACINSKY, Edson. Os desafios educacionais da cultura audiovisual: considerações para o ensino de filosofia. In: **Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2004.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34,1996.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**. São Paulo:ed. Loyola, 1998.

MAAMARI, Adriana Mattar et al (org). **Filosofia na Universidade**. Ijuí: Unijuí, 2006. In: RIBAS, Maria Alice Coelho et al (org). **Filosofia e ensino: a filosofia na escola**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MÜLLER, Maria Cristina; EITERER, Carmem Lúcia. Filosofia na escola online: Uma proposta para a formação continuada e permanente dos professores de filosofia. In: **Filosofia e ensino: possibilidades e desafios**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **La Galáxia de Gutenberg**. Barcelona: Planeta-Agostini. 1985.

NOVAES, José Luiz Correa; GARIN, Norberto da Cunha. Ensaio sobre filosofia e novas tecnologias da educação: Desafios e possibilidades. In: **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

POMMER, Arnildo. Das epístolas aos E-mail: é possível ensinar filosofia a distância?In: **Filosofia na universidade**/Org. Maamarietall. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

TIBURI, Marcia. Filosofia e Mídia. In: **Filosofia e sociedade: perspectivas para o ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. São Paulo: Estação liberdade, 1999.

ZUIN, Antonio A. S. O Plano nacional de educação e as tecnologias da informação e comunicação. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 112, set.2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302010000300016&lng=pt&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302010000300016&lng=pt&nr=iso)>. Acessos em 19 nov.2012.